
Persona Unesp apresenta:



Como escrever uma boa crítica cultural?



RESENHA

≠

RELEASE

Opinativo: positivo ou negativo

Subjetivo, dados qualitativos de análise

Crítica é essencial: a opinião do autor é evidente e sustentada por argumentos

Persuasão

Textos médios e longos

Essencialmente **informativo**

Preciso, dados técnicos, objetivo

Sem crítica, poucos adjetivos e apenas utilizado como forma de propaganda

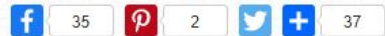
Textos curtos

Se parece com uma notícia ou uma sinopse

RESENHA

Crítica | Palm Springs (2020)

por Roberto Honorato em 12 de julho de 2020 @planocritico



Avaliação ★★★★★

Nyles ([Andy Samberg](#)) está entediado como convidado em um casamento, então decide chamar a atenção de Sarah ([Cristin Milioti](#)), a dama de honra e irmã da noiva, que também não parece feliz com o evento. Os dois conversam e começam a se divertir, mas a noite termina da maneira mais inesperada possível quando Sarah descobre que Nyles está vivendo o mesmo dia, todos os dias, literalmente. Para piorar a situação, ela também acaba presa no mesmo *loop* temporal, mas eles não estão sozinhos.

A premissa de *Palm Springs* pode soar familiar, e comparações com o longa *Feitiço do Tempo* (1993) são inevitáveis. Felizmente, a comédia estrelada por Samberg e Milioti reconhece e tira do caminho as piadas que já se esperam por conta das regras estabelecidas pela proposta de brincar com a repetição de eventos no mesmo dia. Se [Bill Murray](#) tenta todo o tipo de situação absurda e perigosa para tentar fugir de sua prisão temporal no longa de 1993, *Palm Springs* deixa claro através de um rápido diálogo que o personagem Nyles já fez basicamente tudo que o espectador espera.

RELEASE

MÚSICA NOTÍCIA



Fiona Apple lança primeiro álbum em oito anos, *Fetch the Bolt Cutters*; ouça

Disco é o quinto da carreira da cantora

JULIA SABBAGA 17.04.2020 11h04

Fiona Apple lançou hoje (17) o seu quinto álbum, e primeiro trabalho em oito anos, *Fetch the Bolt Cutters*. Ouça:



ANTES DE ESCREVER

- Brainstorming é sempre interessante
- Não descarte ideias logo de cara
- **Anote tudo que vier na cabeça,** é mais fácil cortar do que acrescentar
- Analise tudo que você tem e separe o que pretende usar para o texto



Dark é um marco temporal

05/07/2020

Séries
Alemanha, Crítica,
Dark, Netflix, Séries,
Vitória Silva
Editar



A última temporada da produção alemã se consagrou como a melhor original da Netflix. (Foto: Reprodução)

Vitória Silva

O começo é o fim...

Um dos primeiros contatos do cinema com viagem no tempo foi na trilogia De Volta Para O Futuro, lançada em 1985, e com o passar do tempo novas produções como Efeito Borboleta, *Domestic Danço e Vingadores: Ultimeiro* foram surgindo. Essa temática pode ser considerada um dos assuntos mais abordados em produções de ficção científica. Apesar dos diferentes abordagens, a reviravolta em grande parte das narrativas parece ser sempre a mesma: provocar alterações no passado geram consequências no futuro. E, por muito tempo, pode ter se pensado que essa era uma das únicas maneiras de se criar histórias sobre viagem no tempo, até o surgimento de Dark.

Lançada em 2017 pela Netflix, a série alemã começa no sumiço do jovem Erik Obermorf (Paul Rattan) na província da fictícia Wüsten. A partir deste acontecimento, um grupo de amigos composto por Jonas (Louis Hofmann), Sarina (Paul Lux), Franziska (Olga Schübke), e os irmãos Martha (Lisa Vicari), Magnus (Moritz Juhn) e Mikkel (Dean Lennard) se reúnem na floresta para encontrar drogas escondidas pelo desaparecido. Nessa mesma noite, coisas estranhas acontecem e o pequeno Mikkel acaba sumindo também. Mas o que parece ser apenas mais uma narrativa sobre mistérios, se torna algo muito maior.

"A diferença entre passado, presente e futuro é somente uma persistente ilusão" a citação de Albert Einstein, que dá início ao primeiro episódio da série, define de forma sutil todo o enredo da trama. Os criadores Baran bo Odar e Jantje Friese abandonam todas as convicções comuns que temos sobre viagens no tempo e, baseados no *Paradoxo de Bootstrap*, nos apresentam uma visão inovadora sobre o tema: o futuro também altera o passado.



O triângulo amoroso Jonas, Martha e Bartosz é um dos alicerces do início de Dark. (Foto: Reprodução)

Mesmo que de início aparente ser centrada na figura do personagem Jonas, Dark revela ao longo de sua primeira temporada seus verdadeiros protagonistas, que são as famílias Nielsen, Kahnwald, Tiedemann e Doppler. E em torno delas que os diversos acontecimentos envolvendo o presente, o passado e o futuro se dão, unindo-os numa espécie de "nó temporal" (como é chamado na própria série).

Do lado contrário destas famílias temos o antagonista da série: o tempo. É ele o grande responsável por desenterrar acontecimentos que acabam travando uma luta entre aqueles que tentam controlar, onde Adam (Dietrich Hollinderbäumer) e Claudia (Lisa Kreuzer) ocupam lados opostos. Em meio a esse conflito também existe a tentativa de impedir (ou permitir) o apocalipse, que irá acontecer no dia 27 de junho de 2020.

...e o fim é o começo.

Disponibilizada, curiosamente, no dia 27 de junho, a 3ª temporada se inicia segundos depois do apocalipse, quando nos deparamos com a entrada de uma "nova Martha" em cena. Como se viagens no tempo já não fossem o suficiente, Dark introduz agora a existência de um mundo alternativo.

Por mais que os primeiros episódios do novo ano sejam um tanto maçantes por apresentarem todos os acontecimentos paralelos nesse novo mundo, com constantes e variáveis na vida dos habitantes de Wüsten, todo esse desenvolvimento é necessário para unir as pontas da trama. E Baran bo Odar, que também é diretor da série, tem um cuidado especial com a fotografia, além de utilizar técnicas de espelhamento para que uma realidade possa se diferenciar da outra.



No mundo alternativo, os personagens possuem algumas características diferentes, já é Martha quem usa a capuz amarelo. (Foto: Reprodução)

O desenvolvimento do início da temporada não traz muitas novidades para a narrativa, e se preocupa apenas em trazer respostas para hipóteses em aberto, como o origem da organização S1c-Mundos, o nascimento de Agnes (Anja Traue) e Noah (Mark Waschke) e os pais de Charlotte (Karoline Eichhorn). O fechamento de todas essas tramas finalmente mostra a ligação entre as quatro famílias e a origem de todos os problemas temporais, que não poderia ter relação a outros personagens se não Jonas e Martha.

ESTRUTURA

- Colocar foto/vídeo/gif no meio do texto para dar fôlego ao leitor
- Parágrafos de mais ou menos 7 linhas, **NUNCA** de apenas 1 período
- Mesclar períodos longos e curtos
- Incluir legendas interessantes para as imagens, **SEM** ponto final e sempre creditadas, ex: (Foto: Reprodução)

ESCREVENDO O TEXTO

- **Opinião é adjetivação!** É essencial a presença de adjetivos em seu texto
- É através de expressões e comparações que o leitor é capaz de entender sua avaliação da obra

A escolha do **realismo ao lúdico** do desenho torna **quase ridículas** as cenas de cantoria na savana. As vozes **não se adequam** aos focinhos e bicos **inexpressivos** dos personagens e parecem ter sido gravadas por cima de cenas já finalizadas. O sentimento de estar assistindo um documentário do *Nat Geo* sobre a vida animal ao invés de um musical da Disney passou pela minha mente uma porção de vezes na sala de cinema.

Jubas não são mais vermelhas e os animais não sabem muito bem **como se portar** ali. O **imponente** Scar (talvez o melhor vilão do estúdio) ou caminha em círculos enquanto a grave voz de Chiwetel Ejiofor ecoa por cima da boca do leão, ou simplesmente se deita para entregar seus monólogos. Esses, **enfadonhos** e sem toda a **irreverência** que Jeremy Irons transmitia no trabalho original.

Apenas James Earl Jones, voz de Mufasa, foi **mantido** na nova escalação de elenco. E, olhando em retrospecto, o Scar de Irons travava o embate perfeito entre os irmãos. Embora o trabalho de Ejiofor seja **operante**, a reciclagem das falas do filme original **não caem bem** em sua dublagem. Além do fato de que o personagem teve suas **características primordiais capadas**. Nada dos **trejeitos teatrais ou do tom passivo-agressivo**, não sobra nem a fumaça verde de *Be Prepared*.

ESCREVENDO O TEXTO

Inovação e crítica social. Essa é a mistura feita por Melanie Martinez em seu mais novo projeto: *K-12*. A obra composta por um álbum com 13 faixas e um filme de uma hora e meia compõe a 2ª parte da história de *Cry Baby*, personagem idealizada pela cantora em seu primeiro trabalho. Resultado de uma criação abusiva e uma infância tóxica, *Baby* agora deve encarar uma sociedade deturpada por um falso conceito de certo e errado.

A história construída pela produção audiovisual narra a chegada de uma nova turma a um colégio interno comandado por um narcisista diretor que beira ao fascismo em suas ações. Em uma alusão extremamente explícita ao presidente norte-americano Donald Trump, Melanie critica o atual governo na faixa *The Principal*. Recheada de alfinetadas, as músicas ainda abordam outros temas como *bullying*, [positividade tóxica](#) e, até mesmo, abuso de menores. Tocando em temas delicados, a cantora cria uma obra cinematográfica visualmente linda.

- **Abertura:** quando foi lançado, quem lançou, brevemente a abordagem do produto cultural
 - Evitar expressões temporais vagas (na última sexta-feira, mês passado, etc)
 - Dar uma pequena prévia de que caminho seu texto vai seguir para prender o leitor
-

ESCREVENDO O TEXTO

- **Corpo:** seguir uma abordagem, seja essa uma *avaliação técnica*, uma comparação de *contexto histórico* ou o *impacto sentimental* da obra (às vezes é tudo isso junto)
- **Nenhuma crítica é imparcial**, mas se possível, incluir pontos negativos em textos positivos (e vice-versa) enriquece a argumentação

25 anos de Live Through This e o que fazemos com a arte de mulheres monstruosas

O medo do outro em Us

Meia década de I Never Learn: amar dói, mas a gente sobrevive

Ariana Grande é dona da própria história

O medo do outro em Us

Peele usa a ferramenta do **Doppelgänger** – o exato clone do protagonista que age de diferentes formas – para concretizar o horror do filme. Exemplos desse clichê aparece em *Cidade dos Sonhos* (2001) e *Vertigo* (1958). O pesadelo de ter a casa invadida por estranhos cujo único objetivo é causar desespero aos moradores também foi testada em *Violência Gratuita*, (1997), de Michael Haneke.

Durante o filme, o diretor combina os elementos do clone e do caos para criar uma narrativa original e impactante. Através de pequenos signos no primeiro ato, a ideia fica cada vez maior e expande para níveis absurdos. Diferente do longa protagonizado por Daniel Kaluuya, mais conciso e fechado, esse é centrado numa complexidade de livre interpretação.

Ainda assim, há um conflito na cabeça de Peele durante o longa. O medo de deixar o público com a mente vazia no final, fez o diretor e roteirista tomar muito tempo explicando conceitos que poderiam ter sido deixados à livre interpretação ou com ações, não num monólogo de 10 minutos. Mas, na conclusão, somos levados a um *plot twist* que muda toda a concepção até aquele ponto e acaba em uma avalanche de vídeos no *youtube* com o mesmo [tipo de título](#).

Carly Rae Jepsen e a probabilidade de amor à terceira vista

O *synthpop* — às vezes totalmente imerso nos anos 80, outras bebendo de fontes mais atuais — é o som aqui. Uma decepção para quem esperava a renovação do universo sonoro da cantora, mas a escolha confortável trás frutos: a produção quase nunca erra. É o caso da de *Want You in My Room*, assinada pelo [queridinho](#) Jack Antonoff. A faixa soa como uma versão queer musicada da filmografia de John Hughes.

Na sequência, uma das preciosidades do disco. *Everything He Needs* sampleia um [número musical](#) do fracasso de bilheteria *Popeye* (1988), em que Olívia Palito canta o seu amor pelo protagonista. É uma tirada de mestre, pois preserva a aura adolescente já característica da canadense, mas viaja para longe nas referências.

Outra forma de fuga da mesmice é a inteligência emocional que o eu-lírico carrega. É fascinante como Carly, escorpiana como ela só, consegue descrever as engrenagens que dão movimento às relações que narra. Algo parecido com o que a britânica Annie Lennox fez durante [toda a sua carreira](#). É o tipo de abstração analítica que serve de ajuda às vivências de quem ouve, daí a [devoção](#) dos fãs.

ESCREVENDO O TEXTO

Parece estranho, em primeiro momento, ouvir a voz da cantora sem camadas de *reverb*, harpas, orquestras, pianos, produção densa e os fantasmas e demônios que compõem a atmosfera de suas canções mais antigas. No entanto, no momento que se compreende que o trabalho de um artista é o reflexo de sua alma no momento da criação, *High as Hope* faz completo sentido.

O resultado é o disco mais coeso da britânica, em que se despedaçar é apenas mais uma parte do processo de se encontrar e construir seu entendimento da vida. Sóbria, honesta e extremamente humana, Florence deixa que se apresente a mulher por trás do mito, e a realidade se mostra tão poderosa quanto a fantasia.

- **Fechamento:** crítica não é dissertação, tomar cuidado pra não cair no vício da “proposta de solução”
 - Retomar o ponto principal do texto ou fazer uma síntese final, amarrando a ideia principal do seu texto
-

CRÍTICA AUDIOVISUAL

O ponto chave das obras do diretor (além das viradas finais) é a maneira como sua câmera e seu texto conseguem reverter situações triviais e rebobinar a narrativa em outro ângulo.

A começar pela maneira que ela filma as lutas do filme. Shyamalan cola a câmera no busto de seus protagonistas e fecha a imagem, sem grandes acrobacias, os embates de Vidro aliviam ao mesmo tempo que encarceram seu público.

Primeiro, o alívio. É de uma natureza extremamente bem-vinda a maneira como o filme foge do ordinário e não busca sequências grandiosas para mostrar o quebra-pau. Muitas vezes, os confrontos são mais um toma-lá-dá-cá, um empurrão na pilastra. O encarceramento vem provido da escolha do diretor em minimizar o que normalmente seria maximizado. Não há, em Vidro, um momento em que a tensão se esvai num plano aberto e o respiro aliviado vem à tona.

- Ao assistir qualquer coisa, nunca “desligue o cérebro”, atente-se a tudo
- **Possibilidades:** analisar roteiro, direção, fotografia, atuação, montagem, diálogos, direção de arte
- **Fale mal também!**
- Busque referências, seja na crítica especializada ou em outros textos
- Não é necessário narrar todos os acontecimentos do filme
- Sempre trazer uma **ideia própria** sobre a obra, e não ficar restrito a falar se algo é bom ou ruim e o porquê.

outros exemplos:

A utopia que Me Chame pelo Seu Nome ensina

Os dois personagens principais, Elio (Timothée Chalamet) e Oliver, desfilam por montanhas, pessegueiros, cachoeiras, parapeitos de janelas, em cima de árvore como se fossem semideuses no Olimpo. A segura direção do italiano Luca Guadagnino não deixa escapar um raio solar para que não escape a naturalidade de seu enredo e a grandiosidade de suas terras. Como deuses gregos, Elio e Oliver estão constantemente mostrando seus dorsos e, misturando os mitos, parecem que não comeram do fruto proibido e continuam vivendo num reino onde o pecado é desconhecido.

Passado na Itália em 1983, *Me Chame pelo Seu Nome* é uma utopia cruelmente perfeita. O verão em que o estudante Oliver passa na casa do professor Mr. Perlman e conhece o jovem Elio é quase inverossímil. Por que tão perfeito? Parece não existir maldade e malícia nesse terreno escrito pelo escritor André Aciman em seu livro homônimo de 2007.

Capitã Marvel é muita areia pro caminhãozinho dos fãs de filmes de herói

A Capitã é uma ótima primeira protagonista para as super-heroínas. O filme manteve o ar debochado das histórias em quadrinhos, refinando seu humor sarcástico; nada de piadinhas bobas. A construção da personagem foi esmagando estereótipo a torto e à direito.

Sua postura quanto à filha da melhor amiga Maria Rambeau (Lashana Lynch), Monica Rambeau (Akira Akbar) era a oportunidade perfeita para enfiar um instinto maternal goela abaixo, mas isso não acontece. Monica admira sua amiga como a mulher poderosa que é, bem longe de qualquer ligação à maternidade, elas se tratam como amigas, de igual para igual.

A escolha dos figurinos também é algo que discretamente muda muita coisa. Quando não está usando seu uniforme (muito bem desenhado) Vers abuse dos looks dos anos 90, década na qual o filme se passa, porém sempre livre da hiperssexualização. Finalmente roupas apropriadas para cenas de lutas: nada de correr de salto alto, planos fechados nas *jeans* apertadas ou uma cena em que a personagem deve ser sensual por nenhum motivo aparente.

CRÍTICA MUSICAL

Possibilidades: analisar a produção, voz, visual, coerência do álbum como um todo, relação com o gênero (genérico ou não?), contexto histórico, capa, clipes, etc...

A sonoridade parece datada? Parece “fresca”? As músicas parecem memoráveis?

O resultado dessa mistura foi apresentado no dia **11 de maio deste ano**. Sem nenhum lançamento prévio de single ou b-sides, contando apenas com um teaser. Até mesmo a divulgação foi um diferencial do estilo Arctic Monkeys, muito longe daquela utilizada para trabalhos anteriores.

A recepção do *Tranquility Base Hotel + Casino* foi crucial nessa **bagunça**. [Em entrevista à revista londrina Uncut](#), a banda contou que o novo álbum tendia muito ao som feito pelo The Last Shadow Puppets – duo formado por Alex Turner e Miles Kane, ex-vocalista do [The Rascals](#). De fato, a **guitarra desaparece na maioria das faixas, diferente daquilo que o seu antecessor, AM (2013), trouxe para o repertório do grupo.**

Os dois álbuns são pontos fora da curva para a banda. *AM* é um álbum mais **comercial em comparação aos anteriores**. Há uma banda de rock, óculos escuros, jaqueta de couro, gel no cabelo e uma **guitarra envolvente** acompanhada pelo **peso da bateria de Matt Helders**. Muito diferente dos garotos de 20 e poucos anos que gritavam no microfone e se apresentavam vestidos de o Mágico de Oz em grandes premiações.

CRÍTICA MUSICAL

Uso de material externo (entrevistas, ensaios e outros textos) que podem guiar a argumentação;

Em uma entrevista concedida à revista americana [Raygun](#), Björk afirmou que “Possibly Maybe” (quinto *single* de seu segundo álbum solo, *Post*) é uma canção que lhe causava “vergonha”. A islandesa sentia-se constrangida por ter composto uma música que não desse esperança às pessoas. Com o estrelato trazido por seus dois primeiros trabalhos, ela se jogou nas maravilhas do mundo para divulgar sua arte.

A triste “Unravel” é um conto de fadas sobre o desejo de reaver um amor que não existe mais. O otimismo do eu-lírico em uma situação que obviamente já fracassou torna a produção ainda mais desoladora; Thom Yorke, vocalista do Radiohead, [nomeou a faixa como sua preferida de todos os tempos](#).



CRÍTICA MUSICAL

As possibilidades não ficam reservadas a lançamentos ou discos propriamente ditos. Cobertura de shows e análises de movimentos musicais são bem-vindas:

Como o Twenty One Pilots salvou o Lollapalooza Brasil 2019

A cena New Wave: tão competente que se contradisse

EXEMPLOS DE PONTOS DE ABORDAGEM



Em Melodrama,
Lorde dança com a
tristeza

Por *Leonardo Santana*

Ritmo e amarração

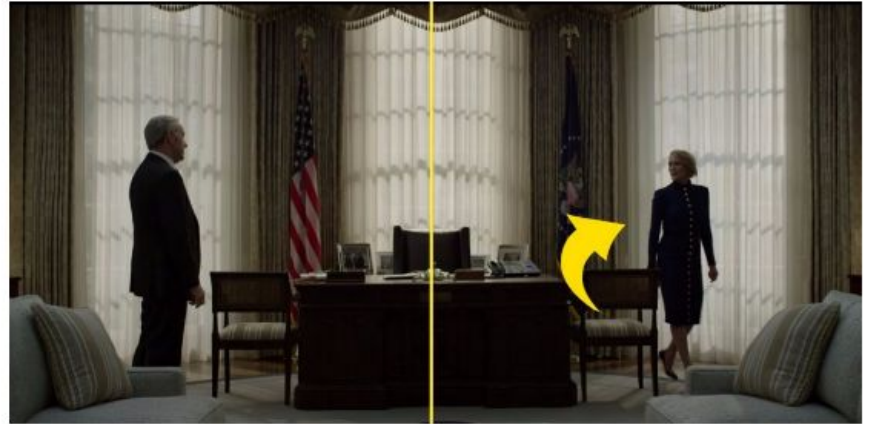
Ao elevar o peso dramático de suas letras e sonoridade a níveis estratosféricos, a cantora deixa claro que esses sentimentos, ainda que tão intensos, são temporários. O exagero aqui serve como limitação temática, uma forma de explicitar a efemeridade da fossa e da juventude. Tendo conhecido as cores da vida adulta, Lorde quer mesmo é ser melodramática enquanto pode.

Foi essa permissão, inclusive, que possibilitou o engavetamento da persona apática e madura demais para a própria idade apresentada em *Pure Heroine*. A artista teve que passar por situações comuns a muita gente, como um coração partido e sair da casa dos pais, para entender que ela não era tão “diferentona” quanto pensava.

Precisão

House of Cards:
“Nós criamos o
terror!”

Por *Heloísa Manduca e*
Guilherme Hansen



Se passarmos um traço bem no meio da tela, é possível observar duas histórias acontecendo de forma separadas. Tudo que há do lado esquerdo com Francis, há do lado direito com Claire. É um espelho. Duas bandeiras, duas cadeiras, dois sofás, duas almofadas, duas janelas inteiras, duas histórias. Mas apenas uma mesa para a presidência, uma vaga para ser presidente. Contudo, o movimento que Claire faz para se levantar da cadeira simboliza seu papel. Uma mulher que está tomando cada vez mais forças e indo para o primeiro plano da série em busca da presidência.

**Slanted and
Enchanted: a estreia
energética da
banda definitiva do
indie rock**

Por Lucas Marques

Clareza

O disco traz o que de melhor uma obra debutante de rock pode nos oferecer: a energia crua, sem receio de mostrar as impurezas. Não à toa Stephen Malkmus, vocalista, guitarrista e letrista (e, conseqüentemente, a peça central da banda) sempre preferiu gastar pouco tempo em estúdio em uma única obra. Dando continuidade aos mestres Neil Young e [Velvet Underground](#), o Pavement sempre preferiu a emoção sobre a acuidade técnica.

Destacamento

Blood lembra o

que a América

nunca deixou de

ser

Por Egberto Santana Nunes

Posicionamento crítico

O que está em jogo aqui e Lee coloca visualmente e nas próprias palavras dos personagens é o papel dos soldados negros nas guerras, ou mais especificamente, na guerra do Vietnã. Nos créditos iniciais, um jogo de imagens deixa claro a intenção. Entre corpos mortos nas batalhas, o racismo policial fazia mais vítimas na terra natal dos combatentes. Martin Luther King, opositor da guerra, foi assassinado enquanto os negros lutavam na linha de frente pela América em território estrangeiro.

Moonlight: gay kid,

m.A.A.d city

Por *Nilo Vieira*

Paralelos

O desenvolvimento destes, aliás, é um interessante ponto de divergência entre *Moonlight* e *good kid, m.A.A.d city*. Enquanto Kendrick Lamar vai de um moleque assustado, cercado por gangues ao posto de novo rei do hip hop, Chiron conserva seus trejeitos de rapaz quieto e inseguro, mesmo após enfim ter a chance de começar do zero. A repressão de sua sexualidade, potencializada em mil vezes pelo ambiente hostil em que viveu por toda sua vida, se revela como a coluna dorsal de sua personalidade retraída e ainda que o final do longa não seja épico como “Compton”, também é uma bela ode à superação. Os alunos agora se veem na posição de seus mentores espirituais (o de Lamar literalmente participa da faixa em questão), com a difícil tarefa de levar seu legado adiante de maneira diferente – ainda que os dois se encontrem engolidos pelo sistema. Lamar revoluciona o rap, Chiron abre o peito e se aceita.

Uso de material externo para argumentação

Novo Mundo: O
velho heroísmo
eurocêntrico na
nova novela das seis

Por *Vitor Soares*

Em dois anos, dez novos autores farão parte do time da emissora. Os figurões aclamados pelos *chairmen*? Todos fora. Qual seria o objetivo? A audiência das novelas têm caído, é verdade, mas a influência ainda é pujante. Trocar os autores, como disse Silvio de Abreu, o diretor de teledramaturgia da Globo, [em entrevista ao UOL](#), é uma tentativa de salvar algo que há décadas é sucesso, pois “sem novos talentos exercendo o ofício de escrever, o gênero telenovela fatalmente terá seus dias contados”.

Na prática, sabemos que é bem mais complexo do que “ter talento ou não”. A edição é pesada. Os autores de *Novo Mundo*, [em vídeo do GShow no qual apresentam a telenovela](#), dizem que foi preciso se enquadrar em “requisitos” da Globo para que a sinopse fosse aprovada. Só após muitas adequações a novela ganhou vida.

Uso de entrevistas

35 anos de Bad

Brains: o punk

também é negro

Por *Bárbara Alcântara e*

Gabriel Ferreira

Em terras tupiniquins, o panorama da cena underground não é tão diferente assim do apontado. Rola aquele clássico complexo de vira-latas: as bandas consagradas são, em sua maioria, gringas ou então compostas por brancos de classe média. “Das bandas aqui do Brasil, boa parte das que fazem CDs fodas são as que têm dinheiro pra ir pra fora, que sabem falar outras línguas e que sempre estão abrindo shows dos gringos”, destaca Alexandre Neto, ou Zoio, vocalista da banda paulistana [Ataque à Jugular](#).

COMPLEMENTOS

- Hiperlinks são **ESSENCIAIS!** Ótimos para evitar explicações desnecessárias no texto e complementar com informações de fora
 - Legendas também servem para incluir ideias que não necessariamente merecem um parágrafo no texto (ou alguma piadinha que caia bem)
 - Evitar títulos óbvios: encontre inspiração no seu próprio texto, sempre opte pelo chamativo. Lembre-se que uma dúzia de sites terão críticas do mesmo produto, crie um título que chame atenção e instigue
 - Não hesite em pedir ajuda a um editor! Estamos aqui para ajudar
-

Boa escrita!

***OBS: Em caso de reprodução deste arquivo ou de utilização do conteúdo presente nele, entrar antes em contato com o Persona Unesp para autorização. Obrigado!**

Redes sociais: <https://linktr.ee/personaunesp>

criticapersona@gmail.com

